

categoria grammatical, se nota a influencia da analogia, a *elisão* da vogal do hiato é communissima :

faço	—	<i>facio</i>
cozo	—	<i>consuo</i>
bato	—	<i>batuo</i>
cuspo	—	<i>conspuo</i>
morro, mouro	—	<i>morior</i>

Nos verbos compostos por prefixação, o hiato permanece nas creações ou fórmãs eruditas : *reorganisar*, *co-operar*, *co-evo*, *co-etaneo*. Mas, o processo popular é o da *elisão* do hiato :

redrar (ant.)	—	<i>re-iterare</i>
cobrar	—	<i>co-operare</i>
cobrir	—	<i>co-aperire</i>
dourar	—	<i>de-aurare</i>

Todos estes vocabulos datam dos primeiros tempos da lingua.

INTERCALAÇÃO

A segunda solução do hiato produz-se pela intercalação de uma letra, que destrua o esforço de duas emissões inarticuladas (vocaes) successivas.

Os caracteres deste processo têm duas direcções analogas, pois substitue o hiato por dous grupos *nh* e *lh*.

Estes dous grupos são modernos e não se sabe ao certo se existiam no latim puro. Apparecem no castelhano sob as fórmãs *n* e *ll*; e no francez sob as fórmãs *gn* e *ll* em alguns casos, quando precedido este ultimo (*ll*) dos diphthongos *ai* e *ei*.

Grupo *lh*. É esta a resolução commum dos hiatos que occorrem precedidos de *l* no latim:

alho	—	<i>allium</i>
conselho	—	<i>consilium</i>
filho	—	<i>filius</i>
folha	—	<i>folia</i>
mulher	—	<i>mulierem</i>
palha	—	<i>palea</i>
melhor	—	<i>meliozem</i>
evangelho	—	<i>evangelium</i>
alheio	—	<i>alienus</i>
milha	—	<i>millia</i>

O mesmo succede nas flexões verbaes : valho, valha, de *valeo*, *valeat*.

Ha algumas palavras que escaparam á intercalação e conservam o hiato primitivo : solio (*solium*) familia (*familia*) oleo (*oleum*) espolio (*spolium*).

—O grupo *nñ* fr. *gn*, cast *ñ*. E' a solução commum dos hiatos precedidos de *n* :

cegonha	—	<i>ciconia</i> .
sonho	—	<i>somnium</i> .
banho	—	<i>balnerum</i> .
campanha	—	<i>campania</i> .
engenho	—	<i>ingenium</i> .
extranho	—	<i>extraneus</i> .
linha	—	<i>linea</i> .
Hespanha	—	<i>Hispania</i> .
vinha	—	<i>vinea</i> .
aranha	—	<i>aranea</i>
vergonha	—	<i>verecunia</i> (verecundia)
cominhos	—	<i>cumineus</i>

Nota-se ainda no systema verbal, nas flexões : venho, tenho de *venio*, *teneo*. As fórmas eruditas evitaram a solução geral : taes são *enco* de *æneus*; *calumnia*, no ant. portuguez *calonha*, de *calumnia*; *venia*; *craneo*; *insania* (ant. *sanha*); *Eugenio*; *genio* (*engenho*); *insomnia*; etc.

Em o vocabulo *peçonha* houve intercalação, mas a fórmula primitiva é do suffixo *tionem*—*potionem*. (1)

O processo de intercalação do *h* era usado largamente na antiga orthographia, ainda mesmo quando não correspondia a nenhum som.

Como simples symbolo graphico, notamos o *h* na graphia dos hiatos :

<i>mehor</i>	—	melhor.
<i>mahom</i>	—	mão.
<i>vehuva</i>	—	viuva
<i>meheu</i>	—	meu
<i>taooha</i>	—	taboa
<i>sehu</i>	—	seu
<i>vehra</i>	—	via
<i>pessoa</i>	—	peessoa

Estas palavras se encontram no *Elucidario* de Viterbo.

(1) Segundo a etymologia de C. Michaëlis.

— Cumpre-me notar, em conclusão, que muitas vezes a letra de intercalação só se encontra no thema ou radical do vocabulo. Assim em *chover* e no ant. *trage* (*traz*) o *v* não poderia provir das etymologias *pluere*, *trahit*, nas dos themas *chuv*, *pluv*, *trag* já existentes no lexico : *trager*, *chuva*.

TRANSPOSIÇÃO

A *transposição* de letras ou *metathese* foi uma das soluções mais frequentes e mais naturaes. Deu-se nomeadamente nos suffixos *ario*, *erio*, *orio*, *urio*. Fica claramente excluido o suffixo *irio*, visto que a transposição impossibilitada ficou por causa da concurrencia inevitavel de dous *ii*. Sempre que tal phenomeno foi possivel, o hiato resolveu-se por outro modo, como já vimos no exemplo *artemija* de *artemisia*.

Na antiga lingua as fórmãs de transposição são frequentissimas : *vigairo*, *contrairo*, *trintaíro*, *notairo*, *adversairo*, *vesti-airo*, *breviairo*, *igrejairo* e vejam-se as fórmãs infinitivas *casadoiro*, *conseguidoiro*, *aduboiro*, *estabelecidoiro*, *pousadouro*, *dormydoiro*, que todas constam do Viterbo.

Actualmente, porém, a influencia erudita tem preponderado conservando o hiato : *contrario*, *vigario*, *vestuario*, *adversario*, *breviario*, etc.

Não obstante, existem hoje varios especimens de resolução completa:

dinheiro	—	<i>denarius</i>
cavalheiro	—	<i>caballarius</i>
primeiro	—	<i>primarius</i>
janeiro	—	<i>januarius</i>
morteiro	—	<i>mortarium</i>
feira	—	<i>feria</i>
madeira	—	<i>materia</i> (materies)
cativeiro	—	<i>captiverium</i>
viveiro	—	<i>vivarium</i>
ligeiro	—	<i>leviarius</i>

Da terminação *orio* :

coiro	—	<i>corium</i>
Douro	—	<i>Durius</i>
agouro	—	<i>augurium</i> .

Do suffixo *air* nenhum especimen escapou ao archaismo, a não ser a palavra *donaire* (*donarium*) provavelmente conservada por influencia barbara.

Um facto que não está perfeitamente averiguado é o do hiato precedido de *v*, resolvido pelo *j* ou *g*, brando. Esta letra provirá da vogal *i* do hiato que se consonantisou, ou antes mostrará que o *v* primitivo se vocalisou em *u* e desapareceu diante das duas vogaes seguintes? Os exemplos não são raros: fojo (*fovea*) sargento (*servientem*) ligeiro (*leviarius*), já citados.

Opino pela consonantisação da vogal, em vista de outros especimens irrecusaveis, como :

hoje-oie, oy — ho (d) ie
Orge (ant) — hor (d) eum

Parece, pois, que pela quéda do *v* tivemos os especimens *li-ieiro*, *foi-o*, eliminados, como é regra, na escala da evolução phonetica.

HIATOS MODERNOS

(*formados na lingua*)

Quando pela quéda da consoante média formou-se na lingua antiga o hiato em que a letra *u* foi o primeiro elemento, deu-se frequentemente a resolução mais notavel dos hiatos: a vogal *u* consonantisa-se em *v* e fórma nova syllaba :

<i>cau-l-is</i>	—	cô-e (coue)	—	couve
co-ardus	—	cô-ardo	—	covarde
clau-d-ere	—	chô-ir	—	chouvir
au-d-ire	—	ô-ir (ouir)	—	ouvir
lan-d-are	—	lô-ar	—	louvar

Representamos pelo accentto *ô* o som *ou*, em que o *u* é evidente. O mesmo facto dá a explicação dos preteritos; *tanui-teue-teve*, etc.

CONSOANTES

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
B	b —	<i>bull</i> a—bolha.
—	v —	<i>herba</i> , herva. <i>Debere</i> , dever. 1. A permuta do <i>b</i> em <i>v</i> faz-se regularmente nas terminações <i>avel</i> , <i>ixel</i> , <i>uvel</i> : amavel de <i>amabilis</i> ; horrivel de <i>horribilis</i> , voluvel de <i>volubilis</i> ; ha, porém, algumas excepções em que se notam sempre formas eruditas: <i>ignobil</i> , <i>febil</i> , <i>debil</i> , <i>habil</i> , <i>terribil</i> ; ainda nestes suffixos não se deu permuta quando o <i>l</i> reforçou-se em <i>r</i> : nobre de <i>nobilis</i> . 2. A permuta foi regular nas flexões verbaes: amava, <i>amabat</i> .
—	m —	<i>Cannabis</i> , canhamo. Esta lei é um resultado da alliteração euphonica produzida progressiva ou regressivamente pela presença da nasal: trementina de <i>therebentina</i> ; vagamundo de <i>vagabundo</i> . Tanto o <i>b</i> como o <i>m</i> por serem labiaes são homorganicas. Jácome de <i>Jacobus</i> .
C	c —	<i>Cujus</i> , cujo. Valor forte=k.
—	g —	<i>caveola</i> , gaiola: <i>camella</i> , gamella. Esta permuta, frequente nas palavras antigas, não se observa nos neologismos eruditos: foco e fogo de <i>focus</i> ; canonico e conego de <i>canonicus</i> ; oraculo e orago de <i>oraculum</i> ; lacuna e lagoa de <i>lacuna</i> .
—	ch —	<i>murcidus</i> , murcho. Piche de <i>pice</i> , pês. Esta permuta assignala um abrandamento muito commum nas palavras de origem franceza que desde o primeiro periodo entraram na lingua: chantre de <i>cantor</i> ; chapéo de <i>capellum</i> ; chefe de <i>caput</i> ; chambre de <i>camara</i> ; prancha de <i>planca</i> ; charrua de <i>carruca</i> ; marchante de <i>mercantem</i> .

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
—	c (s)	<i>cedere</i> —ceder. Valor brando = <i>s</i> ou <i>ss</i> .
—	z	— <i>iacere</i> , jazer. O som brando do <i>c</i> , já notado no latim da decadencia, affecta a fórma <i>s</i> ou <i>z</i> , especialmente nas terminações e suffixos: cruz de <i>crucem</i> , dez de <i>decem</i> , feliz de <i>felicem</i> , voraz de <i>voracem</i> . As fórmas eruditas <i>atroce</i> , <i>fugace</i> , <i>perlinace</i> foram largamente usadas no seculo XVI; della existe o vestigio <i>precoce</i> em vez de <i>precoz</i> , <i>præcocem</i> .
—	Vocal.	O vocalismo da consoante <i>c</i> observa-se nos grupos <i>ct</i> , <i>cc</i> : eis de <i>ecce</i> ; eleito de <i>electus</i> ; feito de <i>factus</i> ; oito de <i>octo</i> . Com a fórma <i>u</i> : auto de <i>actus</i> ; douto de <i>doctus</i> ; doutor de <i>doctorem</i> .
—	Nasal.	A nasalidade é um facto nos monosyllabos <i>sim</i> (sic) <i>nem</i> (nec) e em outros vocabulos <i>penle</i> (pecten) <i>lontra</i> (luctra).
D	d	— <i>Prædium</i> —predio; <i>dolentem</i> , doente.
—	l	— Esta permuta é rara. Gil de <i>Ægidius</i> ; madril e madrilense (de <i>Madrid</i>) adejar (derivado de <i>ala</i>) e nos grupos, malga, nalga (nadega de <i>natica</i>), julgar de <i>judicare</i> . E' commum, quanto ás origens gregas, já assim transformadas no latim: <i>lagrima</i> de <i>δακρυον</i> Ulysses de <i>Ὀδυσσεύς</i> .
—	r	— Permuta unica: cigarra de <i>cicadla</i> , explicavel pela fórma intermedia <i>cicala</i> .
F	f	— <i>Focus</i> , fogo. <i>Finis</i> , fim.
—	v	— <i>Trifolium</i> , trevo (cf. gallego <i>trébol</i>). Christovão de <i>Christophorus</i> ; ourives de <i>aurificem</i> .
—	h	— Esta permuta representa a aspiração castelhana de alguns vocabulos introduzidos na lingua. Taes

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
		são: hediondo de <i>fetibundus</i> e os archaismos <i>Edipucha!</i> (<i>filius...</i>) frequente em Gil Vicente e <i>ahinco</i> por <i>afinco</i> , notado no <i>Elucidario</i> de Viterbo. A aspiração pôde ser notada nas interjectivas: <i>hi!</i> <i>hêu!</i> no fr. <i>fi!</i>
—	b —	Permuta rara e antiga. Acebo de <i>aquifolium</i> ; abantesma de <i>phantasma</i> ; abrego de <i>africanus</i> . A permuta realitou-se entre letras homorganicas admittindo nm estado intermedio, em que appareça a dental <i>v</i> . De sorte que o <i>f</i> permutou-se em <i>v</i> e depois o <i>v</i> em <i>b</i> .
G	g —	<i>Vigorem</i> , vigôr. <i>Legalem</i> , legal.
—	j —	Nas palavras antigas, nomeadamente onde se notou a influencia franceza: jalde de <i>galbinus</i> : jouer de <i>gaudere</i> ; joya de <i>gaudium</i> . cf. <i>joie</i> , <i>jouir</i> , <i>jaune</i> .
—	z —	Vicio commum entre os plebeismos, <i>marze</i> por <i>margem</i> . Ha um exemplo litterario em: esparzir de <i>spargere</i> .
—	c —	Reforço pouco commum e só existente em renovações eruditas: <i>Cadix</i> por <i>Gades</i> ; tecla de <i>tegula</i> .
—	Voc.	O vocalismo da guttural observa-se com a vogal tambem guttural e aguda <i>i</i> : cheirar de <i>flagrare</i> ; inteiro de <i>integrum</i> .
H	h	<i>Hora</i> , hora. E' quasi sempre um symbolo graphico conservado pela tradição historica, tendo raras vezes valor phonetico.
J —	j —	<i>Julius</i> , julho.
	i —	Que tinha identico valor, casualmente, no latim

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
		Meirinho de <i>majorinus</i> . Yago, T-iago, de <i>Jacobus</i> . Maio de <i>majus</i> .
	ç	Tem o mesmo valor de <i>j</i> , antes de <i>e</i> , <i>i</i> , e apresenta apenas uma variante orthographica. Magestade <i>majestatem</i> ; geito de <i>jactus</i> ; Genebra de <i>iuniperus</i> .
	z	Corruptela já assignalada á proposito do <i>g</i> . Ha um exemplo admittido litteralmente: <i>zimbros</i> fórma divergente de genebra, <i>juniperus</i> . Em <i>genebra</i> houve evidentemente influencia franceza.
K	k	Vide C
L	l	<i>Luna</i> , lũa, lua. <i>Locò</i> , logo.
—	r	<i>Lilium</i> , lirio; alimaria de <i>animalia</i> ; pucaro de <i>peculum</i> ; marmelo de <i>melimelum</i> ; cumprir de <i>cumplere</i> ; prêa (mar) de <i>plena</i> ; pardo de <i>pallidus</i> . A mesma transformação nota-se no contingente de termos francezes: <i>colonel</i> .
—	d	Reforço notavel e raro. Escada de <i>scala</i> ; deixar de leixar, <i>lazare</i> . E', todavia, frequente na formação de grupos consonantae: rebelde, de <i>rebellis</i> ; humilde de <i>humilis</i> . Cf. o archaico <i>egualdar</i> de <i>equalar</i> ; medrar de <i>meliorare</i> (?)
	Nas.	A nasalidade realisou-se em alguns casos como nivel de <i>libella</i> , no fr. <i>niveau</i> . Em mortandade de <i>mortalitatem</i> não é improvavel a influencia de prolação da vogal inicial.
—	Voc.	O vocalismo do <i>l</i> realisou-se no diphthongo surdo ou: dôce de <i>dulcis</i> ; feijão de <i>feijou</i> = <i>feiol</i> = <i>faseolus</i> ; ensosso de <i>insulsus</i> ; toupeira de <i>talparia</i> ; couce de <i>calcem</i> , bôbo de <i>balbus</i> ; fouce de <i>falcem</i> . A vogal <i>i</i> notada em <i>piano</i> = <i>planus</i> ; pro-

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
		vém de uma lei phonica exclusiva do italiano, <i>pl = pi</i> .
M	m	<i>Mare</i> — mar ; <i>millia</i> , milha.
—	n	Confusão de nasaes, rara. <i>Mespilum</i> , nespera ; e o archaismo nembrar de <i>memorari</i> .
—	l	Permuta unica provavelmente, lembrar de <i>memorari</i> atravez da fórma intermediaria archaica <i>nembrar</i> .
—	p	Esta permuta só se observa nos archaismos quando occorre o grupo <i>mn</i> . <i>Calupnia</i> por <i>calumnia</i> ; <i>condapnamento</i> por <i>condemnamto</i> . (Viterbo.)
N	n	<i>Nata</i> (res), nada ; <i>noctem</i> , noite.
	m	Confusão de nasaes. Vide M. Mastrução de <i>nasturtium</i> . Propriamente, por causa da orthographia, occorre no fim de varios vocabulos: florim, fim de <i>finis</i> , imagem de <i>imaginem</i> , etc.
	l	<i>anima</i> , alma ; alimaria de <i>animalia</i> .
	r	<i>coffinus</i> , cofre. <i>Sanare</i> , sarar.
P	p	<i>Pedem</i> , pé ; <i>paucum</i> , pouco.
—	b	Permuta de labiaes. Bostella de <i>pustula</i> ; cabido de <i>capitulum</i> ; cebola de <i>cepula</i> ; belliscar por <i>pelliscar</i> . Botica de <i>apotheca</i> .
—	f	Permuta usual dos vocabulos francezes : chefe, <i>chef</i> , de <i>caput</i> . Nota-se tambem em alguns vocabulos gregos se lhes não foi estranha a influencia franceza : golfo de <i>κολπος</i> —troféo de <i>τρόπαιον</i> .
—	-Voc.	A vocalisação do <i>p</i> , em regra, effectuou-se da labial

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
		para a consoante labial; baptisar de <i>baptisare</i> ; rauso de <i>raptus</i> . Houve posteriormente confusão com o <i>i</i> .
Q	q	<i>Quasi</i> , quasi. Vide C.
—	c	Variante graphica. Car (ant.) de <i>quare</i> ; como de <i>quomodo</i> ; cinco de <i>quinque</i> ; torcer de <i>torquere</i> .
—	g	Conseguir de <i>consequi</i> (consequire). Agoa de <i>agua</i> . (Cf. legua de <i>leuca</i>). Aguia de <i>aguila</i> ; egoa de <i>equa</i> ; algo de <i>aliquis</i> . Entre gutturaes, =c=k =g.
R	r	<i>Regulare</i> , regrar
	l	Permuta de homorganicas linguaes. Vergel de <i>viridarium</i> ; papel de <i>papyrus</i> ; ralo em vez de <i>raro</i> . A mesma permuta nota-se no elemento grego: bolsa de βύρση.
[S	s	<i>Solus</i> , só; <i>causa</i> , cousa.
	x	paixão de <i>passionem</i> ; baixo de <i>bassus</i> ; graxo de <i>grassus</i> . As transformações desse character são, quasi todas, fórmãs portuguezas septentrionaes, achegadas ao gallego. No port. meridional a transcripção é pura: posso de <i>possum</i> , grosso de <i>grossus</i> : Esta nota não tem applicação quando se trata do <i>s</i> simples: bexiga (<i>vesica</i>), e nos grupos de syllaba inicial <i>ex</i> : enxugar <i>ex-sucare</i>).
T	t	<i>totus</i> , todo; <i>pectus</i> , peito.
—	d	Permuta de homorganicas dentaes: dedo de <i>digitus</i> lado de <i>latus</i> ; idade de <i>etatem</i> ; ladainha de <i>litania</i> ; seda de <i>seta</i> ; madeira de <i>materia</i> .

LETRAS LATINAS	LETRAS PORTUGUEZAS	EXEMPLIFICAÇÕES
—	s, c	Abrandamento já existente no latim, nos grupos finais, <i>tia, tium, ties</i> etc, ausencia de <i>absentia</i> ; graça de <i>gratia</i> ; differença de <i>differentia</i> ; oração de <i>orationem</i> . O grupo <i>tia</i> tomou tambem a fórma <i>eza</i> : avareza de <i>avaritia</i> ou persistiu quando precedido de <i>s</i> : <i>molestia, modestia</i> .
	z	Abrandamento analogo ao precedente: madureza, <i>maturitia</i> (<i>maturitatem</i>), dureza, <i>duritia</i> , firmeza <i>firmitia</i> por <i>firmitalein</i> .
V	v	<i>Vita</i> , vida; <i>pluvia</i> , chuva.
—	b	Permuta vulgar. Abutre de <i>vultur</i> ; boda de <i>vota</i> ; bainha de <i>vagina</i> . E' um provincialismo commum entre os portuguezes, dando origem a confusões prosodicas já mencionadas: <i>covarde</i> e <i>cobarde</i> ; <i>vascolear</i> e <i>bascolear</i> ; <i>avestruz</i> e <i>abestruz</i> , etc.
	f	Permuta homorganica entre dentaes. Palafrem de <i>paraveredus</i> ; trefego; <i>transvegar, transvicar, trasfegar</i> (Diez)
	g	Influencia germanica, notada em alguns vocabulos latinos: gomitar por vomitar, <i>vomitare</i> ; gastar de <i>vastare</i> . Guerra (<i>verra</i> , germ.) treguas, (<i>trenva</i> germ.)
Z	z	Caracter mais commum ao portuguez que ao latim. Representa ordinariamente um vocabulo grego, quando vem directamente do latim: zelo
	g	Por attracção: gengibre de <i>zingiber</i> .

LIÇÃO IV

Das metaplasmas

Chamam-se *metaplasmas* as diferentes alterações que soffrem os vocabulos por addição, subtracção ou transposição de seus elementos phonicos.

As *metaplasmas* têm o nome de *figuras*.

ADDIÇÃO

As figuras de addição são as seguintes :

†1. **Prothese.**—E' a addição de elementos phonicos no principio do vocabulo. Ex.: *alevantar*, *alagôa*, por *levantar*, *lagôa*.

Muitos vocabulos latinos receberam a *prothese* no portuguez:

<i>speciem</i>	— especie
<i>spasmus</i>	— espasmo
<i>scribere</i>	— escrever.

Analyzando os casos em que se effectuou a *prothese*, vê-se que constituem duas classes numerosas:

1.^a Os nomes que começam por *l* e que receberam o augmento de um *a*. E' muito provavel que a analogia e a reminiscencia das palavras arabes, prefixadas de *al*, contribuissem para as formações como *alanterna*, *alagoa*, etc. de origem latina.

2.^a Recebem vogal os nomes que começam por *s* impuro, isto é, seguido de consoante. Este facto explica-se pela natural difficuldade que ha na pronuncia daquelle *s*: *espasmo*, *especie*. De serte que ou o *s* augmenta-se de uma vogal *espasmo* ou perde a consoante *pasmo*, *sciencia* (que se lê *siencia*). Por isso é que houve prothese de *e*, vogal surda, em *esphera* (*sphera*) esperança (*sperantiam*) espada (*spatha*), estar (*stare*) etc.

2. **Epenthese**.—E' a addição de sons no meio do vocabulo. Ex. : *Mavorte* de *Marte* ; *caravelha* em vez de *cravelha*.

Nota-se a *epenthese* na etymologia de varias palavras :

n laternam — lanterna
maculam — mancha
meam — minha

Pretendem muitos explicar a presença epenthetica do *n*, como sendo a transposição da flexão *m*, nasal, do accusativo :

maculam — mancula — mancha.

Em taes casos, parece mais razoavel admittir a prolongação de nazalidade do *m* inicial : *ma=mã*. Cf. *muito*.

3. **Epithese** ou *paragoge*.—E' a addição de sons no fim do vocabulo. E' rara na lingua escripta ; porém, frequentemente observada nos provincialismos e entre os vícios prosodicos : *fazêre*, por *fazer* ; *martyre* por *martyr*.

A *epithese*, mais largamente interpretada, tem exemplos nas derivações modernas por intermedio de suffixos :

<i>cajueiro</i>	de	cajú
<i>laranjeira</i>	»	laranja
<i>cajuada</i>	»	cajú
<i>bonitinho</i>	»	bonito
<i>homenzarrão</i>	»	homem, etc.

Entre as figuras de *addição* devem ser incluídos os dous casos especiaes, conhecidos sob os nomes de *tmese* e *dierese*.

A *tmese* em portuguez, consiste na intercalação dos pronomes encliticos nas fórmulas do futuro e do condicional: *far-te-ia* ; *amar-te-ei*.

A *dierese*, não consiste em adição de elementos phonicos, mas na aspiração da vogal, para evitar um diphthongo. Ex. :

caia	ou	cahia
saíram	»	sahiram

— Ha um processo popular, denominado pelos antigos grammaticos *parectase*, que consiste na adjuncção de elementos phonicos intermediós, por necessidade de euphonia. Já notada no latim :

drachume — gr. *drachmê*,

esta tendencia ampliou-se na decadencia da lingua e nos romances que deram origem ás linguas novo-latinas. Foi pela *parectase* que se dissolveram muitos grupos consonantae:

Caravana — *karwan* (arabe.)

A accção erudita tem concertado os destroços desta tendencia, mas arbitrariamente o povo diz: *kelemente, kilaro, baravo e bravo, periquito e prequito, tatara-avô e tetra-avô, caravelha e cravelha, brôa e borôa, crôa e corôa, taramela e tramela, glotão e golotão.*

SUBTRACÇÃO

As figuras de subtracção são as seguintes :

1. **A apherese.** — A apherese consiste na subtracção de sons iniciaes do vocabulo. Ex. : *postema* por *aposthema* ; *letria* por *aletria*.

Nota-se a apherese na degeneração de varios vocabulos latinos:

Pasmo	de	<i>spasmmum.</i>
Tisana	»	<i>ptisanam.</i>
Botica	»	<i>apothecam.</i>
Gume	»	<i>acumem.</i>

Um facto digno de nota é a apherese dos elementos *o*, *a* e *l*. Estas letras, como se sabe, representam o artigo vernaculo: *o*, *a* e a fórma archaica *lo*. D'ahi, os resultados *bodega* por *abodega*, *bispo* por *obispo* (como no castelhano), *onça* por *lonça* (no lat. *lynxem*) *azul* por *lazur* (pers. *lazuerd*), etc.

Esta conjectura não é destituida de fundamento, pois deve-se ter em conta que o *l* é a unica consoante que soffre apherese e porque é a unica? As outras só experimentam apherese nos raros casos em que não se ligam á vogal e constituem um grupo barbaro, quasi impronunciavel, v. gr.: *pl*, em *plisana*. (1)

2. Syncope. — E' a subtracção de sons no meio do vocabulo. Ex.: *mor* em vez de *maior*.

A *syncope* é um dos phenomenos mais communs da phonologia historica. Exemplos:

vêr	—	<i>videre</i>
leal	—	<i>legalem</i>
real	—	<i>regalem</i>
mealha	—	<i>metaliam</i>
véo	—	<i>velum</i>

Sempre existem na lingua antiga os exemplos que attestam a transição dessa lei: *veer*, depois *vêr*; *mado*, depois *máo*, etc.

3. Apocope. — Consiste na subtracção de sons no fim do vocabulo. Ex.: *cárceer*, *marmor* em vez de *carcere*, *marmore*.

A *apocope* ou quêda de sons finaes é um dos phenomenos característicos da formação de todas as linguas romanas:

ama	—	<i>amat</i>
amam	—	<i>amant</i>
nunca	—	<i>nunquam</i>
cousa	—	<i>causam</i> .

(1) O *l*, dissemos, é a unica consoante que soffre a apherese. Em *germanus* (irmão) não houve apherese de *g*; a palavra *irmão* ou *ermão* é provavelmente a fórma castelhana *hermano*.

Entre os casos de subtracção devemos considerar as seguintes figuras :

Synalepha.—E' um caso especial da apocope, e consiste na subtracção da vogal final de um vocabulo quando se lhe segue outra palavra que começa por vogal. Exemplos :

minh'alma — minha alma
d'Almeida — de Almeida.

O habito da *synalepha* na pronuncia fazia com que os classicos escrevessem : *d'almeida*, *d'alvarez*, etc. Ainda hoje se escrevem *Dantas* (d'Antas), *Dornellas* (d'Ornellas) e o cognome italiano *Doria* (d'Oria).

Echhlipse.—E' a propria *synalepha*, e dá-se quando a vogal que termina o vocabulo é nasal :

co'as mãos — com as mãos.

TRANSPOSIÇÃO

Os phenomenos de transposição foram muito frequentes nos antigos tempos da lingua, e são conhecidos sob o nome de

Metathese.— Consiste na transposição dos sons de um vocabulo. Exemplos : *rosairo* em vez de *rosario* ; *esteiro* em vez de *estuario*.

Eis alguns exemplos historicos :

primeiro — *primarium*
choupo — *pop'lum* (*pl=ch*)
trevas — *tenebras*
copo — *poculum*

LIÇÃO V

Dos systemas de orthographia e causas de sua irregularidade

Orthographia é a parte da grammatica expositiva que ensina a escrever as palavras e as phrases correctamente.

A escriptura compõe-se de letras e symbolos. Os elementos orthographicos das palavras são as *letras* e os *accentos*.

Os elementos orthographicos da phrase constam dos signaes da *pontuação*, taes como a *virgula*, os *dous pontos*, etc. (1)

Na lingua escripta usa-se habitualmente de *symbolos* e *abbreviaturas*, dos quaes não nos occuparemos agora. Em geral, os *symbolos* são usados para exprimirem relações numericas, ou abbreviaturas scientificas. Taes são os symbolos ; 1, 2, 0, 4. VI, X, M, D +, × = etc. Os *symbolos* podem ser letras, mas representam palavras.

Os *signaes e accentos agudo, circumflexo*, servem para supprir a deficiencia dos caracteres alphabeticos. (2)

A *arte de escrever* ou representar as palavras por meio de caracteres litteraes não tem preceitos totalmente fixos e invariaveis. Esta mesma variabilidade tem dado origem a diversos systemas de orthographia, sem que o triumpho de qualquer delles esteja completamente, no todo, consagrado.

(1) Da *pontuação (notações syntacticas)* trataremos no lugar competente.

(2) Vide *notações lexicas*. Lição I.

Os tres principaes systemas orthographicos são : o *phonetico*, o *etymologico* e o *mixto*.

A orthographia phonetica consiste na representação dos vocabulos, conforme a pronuncia.

↳ O *systema phonetico* exclue a tradição historica e etymologica, e só attende exclusivamente á prosodia. Segundo este systema, a cada som corresponde um unico symbolo litteral.

Baseia-se na refôrma dos valores alphabeticos. Cada symbolo tem um valor invariavel. D'esta arte, na orthographia phonetica, as letras

c	—	equivale a	k, c fôrte, ch
f	—	»	a f, ph
s	—	»	a c brando, s, ss, x
g	—	»	a g fôrte
j	—	»	a j, g brando
x	—	»	a x, ch

A orthographia phonetica não é aceitavel porque não tem bases solidas. Tem sido proposta para evitar as inconveniencias da variabilidade dos systemas orthographicos e para facilitar aos ignorantes a correccão de seus manuscriptos.

Que ella não consegue a *unidade*, é claro de vêr-se, porque os proprios *phonetistas* não estão de acôrdo quanto á extensão da refôrma e não ha dous systemas de orthographia phonetica que estabeleçam as mesmas regras. Em segundo lugar, a unidade orthographica, neste caso, só seria alcançada se existisse uma *prosodia fixa*, o que é uma utopia. Sendo a pronuncia extremamente variavel, o *systema phonetico* tornar-se-ia anarchico em todos os dominios geographicos de uma lingua.

Não é muito pouco aceitavel a razão de que o systema phonetico seja aproveitavel aos ignorantes. Jamais a orthographia etymologica foi um obice para a leitura e para a aquisição de conhecimentos.

Em nenhuma das linguas cultas foi admittida a orthographia phonetica, bem que não tenham faltado neographos e reformadores. Em algumas, porém, e com certos limites muito restrictos como se observa no castelhano e no italiano, o systema phonetico tem conseguido alguns resultados especialmente no que respeita á transcripção das palavras gregas, dos neologismos scientificos.

A orthographia etymologica ou *historica* consiste em representar os vocabulos na maior pureza possivel de suas origens.

Este systema é o unico capaz de, na maior approximação imaginavel, offerecer a unidade graphica aos documentos escriptos de uma lingua. E' esta a sua vantagem capital.

A esta vantagem contrapõem-se algumas difficuldades e lacunas inevitaveis do systema. Nem todas as etymologias são conhecidas, e muitas, em grande numero, são duvidosas ou contestaveis. Além disto, a evolução phonetica destruiu ou estragou os vocabulos, de tal sorte que não podem razoavelmente ser orthographados pela fórma originaria. E' o que succede a um numero crescido de termos arabes, germanicos e até latinos. Foi a tendencia para conservar a filiação historica que fez adoptar os grupos litteraes *ch*, *ph*, *rh* com que os romanos transcreverão diversos caracteres e accentos gregos. O exaggero do systema etymologico tem produzido transcripções pouco aceitaveis como: *pinctar*, *charidade*, *charia*, etc. Em alguns vocabulos, sem razão palpavel, conservam o *ch* ainda quando não existe o som

forte que aquelle grupo representa ; ex.: *schisma*, *catechismo*—*scisma*, *catecismo*. (1)

Assim, as causas da irregularidade da orthographia subsistem na difficuldade de determinar as verdadeiras origens e na impossibilidade de representar os sons actuaes pelos sons antigos, sem attender á evolução a que estes ultimos obedeceram no curso do tempo.

Estas difficuldades de ambos os systemas originaram um processo mixto, participando da etymologia e da prosodia, destinado a corrigir os defeitos de um pelas vantagens de outro.

A orthographia usual ou *systema mixto* consiste em representar os vocabulos pela etymologia e pela prosodia conjunctamente.

A base deste systema que é o seguido geralmente é a etymologia. Nota-se, porém, que quando existe inteira discordancia entre a etymologia e a prosodia, é esta a que predomina.

Nos ultimos tempos, o *phanatismo*, na orthographia tem grangeado fervorosos e extremos adeptos, na Allemanha, na Inglaterra e na França. A refôrma seria incomparavelmente mais facil onde aliaz é menos necessaria no italiano, no castelhano e no portuguez.

Do que vae mencionado anteriormente, vê-se com a maior evidencia que nenhum dos systemas orthographicos pôde obter a *unidade* graphica da escripta. As incertezas da prosodia e as differenças que apresentam as fórmas etymologicas puras oppõem-se áquelle resultado.

O *systema mixto* não possui bases determinadas e exactas ; e pôde ser exaggerado, ora pela parte da etymologia, ora pela parte da prosodia.

(1) E' o que aliaz se observa em *arcebispo*, *cirurgião*, pois ninguém escreve *archebispo*, *chirurgião*.